

---

## **Entrevistados e Jornalistas: análise sobre o gênero de pesquisadores e repórteres no jornal Zero Hora<sup>1</sup>**

Évilin Thaoane de Matos CAMPOS<sup>2</sup>  
Francisco de Paula Rocha AMORIM<sup>3</sup>  
UniRitter, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O trabalho analisou 36 reportagens publicadas no jornal Zero Hora em janeiro deste ano, que contemplam falas ou informações de especialistas. O material submetido à análise de conteúdo quantitativa identificou o gênero dos pesquisadores entrevistados e dos jornalistas responsáveis pela produção jornalística. No total, 22 matérias têm fontes masculinas, em três casos mulheres foram ouvidas e 11 vezes ambos os gêneros comentaram. Em relação aos repórteres, 16 matérias foram assinadas por homens, nove por mulheres, quatro com ambos os gêneros e sete estavam sem assinatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; gênero; fonte de informação; representação social.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo analisou reportagens publicadas no mês de janeiro de 2019 no jornal impresso Zero Hora, veiculado diariamente no Rio Grande do Sul, com sede em sua Capital, Porto Alegre. O estudo pretende identificar a incidência do uso de mulheres cientistas no jornalismo diário, bem como o gênero dos jornalistas que assinam as reportagens. Para isso, as matérias que contêm declarações ou informações obtidas por meio de entrevistas com especialistas foram submetidas à análise de conteúdo para detectar quantitativamente a ocorrência de homens e mulheres expressando seus conhecimentos e reportando.

Quando o feminino na imprensa é alvo de estudos uma simplista consideração é desenvolvida em curto prazo: sem protagonismo. No entanto, Pinto (2003) quando se debruça sobre os canais feministas no Brasil reconstrói a história do jornalismo do século XX. As intelectuais que escreviam artigos em periódicos também criaram suas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela UniRitter, e-mail: [evilin.matos.jornal@gmail.com](mailto:evilin.matos.jornal@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UniRitter, e-mail: [francisco.amorim@uniritter.edu.br](mailto:francisco.amorim@uniritter.edu.br)

---

próprias publicações de cunho feminista e destinadas ao público feminino. As revistas femininas da época eram de propriedade econômica e intelectual masculina, ou seja, donos e escritores.

Em relação ao profissional, de acordo com Santos; Temer (2016), Emily Verdery Bettey foi a primeira jornalista contratada para atuar como repórter no *New York Sun*, em 1868. Em 1888, segundo as pesquisadoras, trabalhavam em redações de Nova York cerca de 200 mulheres. Woitowicz (2012) indica que Nellie Bly é considerada a primeira jornalista investigativa nos Estados Unidos, contratada no final do século XIX pelo *Pittsburgh Dispatch*.

Santos; Temer (2016) lembram da comum prática das *stunt girls*. Para realizar pautas, as jornalistas se valiam de pseudônimos e performances. Sob os disfarces, elas “revelavam os factos da vida urbana plenos de emoção e escândalo” (SILVEIRINHA, 2012, p.175). A estratégia é vista como o embrião para o desenvolvimento dos muckraker - jornalistas disfarçados investigavam personalidades e instituições corruptas.

Woitowicz (2012) admite que o conhecimento limitado sobre a inserção feminina na história do jornalismo é devido ao fato das mulheres e seus feitos serem “esquecidos”. Por isso, o trabalho se vê na função de conferir a que passo a igualdade de espaço entre homens e mulheres existe dentro no jornalismo (SILVA, 2010) e pensar em meios de alterar as lógicas patriarcais que submetem o feminino (BUTLER, 2003).

## **BRASILEIRAS NA PESQUISA**

A jornalista científica Angela Saini (2018) compila em seu livro-reportagem *Inferior É o Car\*lho* consagradas pesquisas que definiram o feminino como desprivilegiado, mas que com os anos foram desmentidos por equipes com maior diversidade. A obra apresenta que erros sobre o desempenho humano são perpetuados, porque pesquisas foram assinadas, durante séculos, por uma visão de mundo, a masculina.

Se por gerações privilégios garantiram maior espaço aos homens (BUTLER, 2003), a Ciência e a Educação ostentam conquistas significativas para as mulheres.

---

De acordo com o Censo da Educação Superior, publicado em 2016<sup>4</sup>, as mulheres representam 57,2% dos ingressos em cursos de graduação. A recente pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)<sup>5</sup> indica que 60% das bolsas de pós-graduação são ocupadas por mulheres. Tal aperfeiçoamento acadêmico garantiu ao Brasil a primeira posição no ranking de países ibero-americanos em que as mulheres mais produzem pesquisas científicas. Em números, foram publicados cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são de mulheres, entre os anos de 2014 e 2017, segundo a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI)<sup>6</sup>.

## LUGAR DE FALA, FONTES JORNALÍSTICAS

De acordo com Schimtz (2011), existem duas categorias de fontes, sendo elas primárias e secundárias. Para o autor, a primeira está próxima da notícia e pode fornecer informações exclusivas; a segunda complementa a matéria interpretando temas e dados citados. Além das categorias, as fontes de informação são encaixadas em grupos. O pesquisador delimita sete tipos: oficial (função ou cargo público), empresarial, institucional (ONG), individual (fala sobre si), testemunhal e especializada (detentora do saber intelectual) e referência (documentos).

Como nem todos os fatos podem ser entendidos ou comprovados a “olho nu”, a apuração jornalística se vale do contato com fontes capazes de relatar com propriedade os acontecimentos dos quais o repórter deseja tornar público. Silva (2010) explica a utilização de especialistas:

O uso de fontes é o primeiro modo de agregar valor de ‘veracidade’ e ‘neutralidade’ às notícias [...] O uso de especialistas como fontes é uma das formas de atribuir caráter de isenção e neutralidade às notícias, bem como de diversidade de ‘visões’, num processo que visa objetificar a notícia tentando suprimir marcas subjetivas ou mesmo ideológicos (dos profissionais do jornalismo e da empresa) no discurso noticioso (SILVA, 2010, p.38).

---

<sup>4</sup> [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf). Acesso: 22/4/2019, às 15h45.

<sup>5</sup> <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73971>. Acesso: 22/4/2019, às 15h47.

<sup>6</sup> <https://oei.org.br/noticia/estudo-da-oei-aponta-conquista-das-mulheres-do-meio-cientifico-no-brasil>. Acesso: 22/04/2019, às 15h49.

---

Schimtz (2011) completa sua pesquisa qualificando a ação das fontes em proativa (oferecem pautas), ativa (mantêm contato com os jornalistas), passiva (disponíveis) e reativa (repulsa à imprensa). Em relação ao crédito das fontes, o pesquisador as classifica como sigilosas (off) e identificáveis (on).

## **REPRESENTAÇÃO, VISIBILIDADE IMPORTA**

Porto (2006) identifica que o imaginário é construído a partir da percepção dos fatos. Essa colocação liga-se ao produtor de notícias, responsável por analisar as informações e construir a realidade em cima delas, e ao público, receptor das notícias estruturadas, mas que pode criar suas próprias conclusões por enxergar o assunto carregado com seus valores e crenças. Para Aguiar (2006), a comunicação de massa é um dos agentes responsáveis por estruturar as representações sociais.

Os efeitos da representação social, de acordo com Morigi (2004), são responsáveis pela construção do senso comum. O pesquisador explica que conceitos morais e éticos são elaborados de forma que se tornam senso da coletividade. “Essas formas são incorporadas e interiorizadas pelos indivíduos através da vida em sociedade através das normas, das regras que formam a estrutura social” (MORIGI, 2004, p.4).

Para Jodelet (1989), as representações são fenômenos ativos. Os complexos componentes inerentes de seu processo são variados e se relacionam ao formular representações e conceitos de moralidade. Por isso, a autora esclarece que para compreender o entendimento de um tema é necessário se levar em conta “elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc.” (JODELET, 1989, p.4).

## **JORNALISMO DIÁRIO**

A história da prática jornalística no Ocidente se depara com fases que têm como elo a utilidade, conforme aponta (SOUSA, 2008, p.36, 44, 58). Começando no império de Júlio César (100 a.C a 44 a.C), com o Acta Diurna - primórdio de um diário oficial. Em seguida, na Idade Média, crônicas com os acontecimentos da nobreza e do clero

---

produzidas por homens que tinham algum domínio da escrita, o período ficou conhecido como pré-jornalismo. Na Itália renascentista, as folhas volantes ou avulsas atualizavam a população sobre assuntos de interesse público, época ainda entendida como pré-jornalismo, mas próxima da atual realidade da função.

Inicialmente executada por intelectuais, no século XIX que a imprensa passou a ser pensada de forma crítica. Traquina (2013) aponta que os Estados Unidos e a França foram os primeiros países a investir na instrução acadêmica de Jornalismo. Ele relata que após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865), a Universidade Washington e Lee começou a oferecer curso na área. Após doze anos, outras universidades passaram a investir o ensino de Jornalismo, como Kansas State College (1873), Missouri (1878) e a Pennsylvania (1893).

Em resposta ao debate da profissão nas instituições de ensino e o desenvolvimento nas redações, processos passaram a ser adotados na construção do fazer jornalístico. Entre eles, estão *lead*, pirâmide invertida, critérios de noticiabilidade e *gatekeeper*.

As discussões contemporâneas sobre a imprensa se concentram no produtor da notícia, o jornalista. “Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação” (SILVA, 2005, p.98).

Além de benefícios à comunidade, o início da profissão é marcada pela predominância masculina. Um dos fatores para a falta de presença feminina está atrelado ao cerceamento do gênero ao labor.

Contudo, pesquisas de Pinto (2003) e Teles (1993) mapeiam revistas e jornais de cunho feminista publicados no Brasil. Na conclusão das autoras, as mulheres não acompanharam o crescimento econômico e político do jornalismo nas redações tradicionais, mas estavam presentes na construção da profissão.

## **ZERO HORA**

---

O jornal impresso Zero Hora foi fundado na década de 1950 pelo jornalista Samuel Wainer. Na época, o periódico foi inaugurado com o nome de Última Hora. Em 1967, o Grupo Rede Brasil Sul (RBS) comprou 50% das ações. A aquisição gerou mudanças editoriais e visuais no jornal, entre elas, a alteração do nome, marcando uma nova fase do veículo (FACCIN, 2009).

Ao enumerar as modificações iniciadas pela empresa, Faccin (2009) revela o empenho do Grupo RBS em produzir um jornal moderno e com credibilidade: “Zero Hora surge no mercado gaúcho com uma linha editorial que prioriza a democracia e a integração regional, conforme prevê seu estatuto. Seu compromisso alinha-se aos propósitos do grupo RBS” (FACCIN, 2009, p.7). Fonseca (2008) avalia que essas mudanças estavam ligadas a questões empresariais, o que representa para uma nova etapa do jornalismo de cunho capitalista.

São estratégias de empresa - gestão profissional, inovação tecnológica, marketing. O jornal nessa organização, é o produto que a empresa coloca no mercado, é a sua mercadoria. Em razão disso, seria possível inferir que a ascensão de Zero Hora no mercado deveu-se mais ao acerto dos métodos de gestão da empresa e menos à qualidade jornalística apresentada no início dos anos 1980 (FONSECA, 2008, p.162).

De acordo com Faccin (2009), os esquemas proporcionaram ao jornal impresso liderança de veiculação no Estado e o pesquisador relaciona o aumento de leitores ao formato jornalístico empregado pelo jornalismo do periódico. Segundo ele, devido a articulações socioculturais do Estado, nas quais os acontecimentos regionais são tidos como mais relevantes, Zero Hora apostou em fortalecer a cultura provinciana da comunidade rio-grandense.

A condição limítrofe do Rio Grande do Sul, as suas peculiaridades geográficas, o seu processo de povoamento e o desenvolvimento da sociedade civil fizeram com que, desde cedo, o sistema de comunicação midiático se desenvolvesse com vínculos locais fortes e profundamente comprometidos com os interesses regionais. Em certa medida, a proximidade dos interesses de certos grupos econômicos, políticos e jornalísticos locais acabam definindo e apontando quais são os interesses regionais do Estado gaúcho (FACCIN, 2009, p.2).

---

Atualmente, a sede do jornal está localizada em um edifício na Av. Ipiranga. As redações de rádio Gaúcha, jornal Zero Hora e Diário Gaúcho - um periódico dedicado à população periférica da Capital e regiões metropolitanas - e online desses três veículos estão agrupadas no quarto andar do prédio.

O jornal Zero Hora possui cinco editorias “mães”: Cultura, Esporte, Notícias, Porto Alegre e Sua Vida. Essas editorias abraçam assuntos que se relacionam.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Para verificar o gênero dos especialistas entrevistados e dos jornalistas em reportagens publicadas no jornal impresso Zero Hora no mês de janeiro de 2019 foi desenvolvido uma análise de conteúdo com abordagem quantitativa baseada em premissas de Bardin (1977).

O estudo excluiu da pesquisa os cadernos especiais, uma vez que a delimitação de público, como é o caso da revista feminina semanal Donna, dedicada às leitoras do periódico, alteraria os resultados da pesquisa. Além de publicações específicas, o estudo desconsiderou colunas, pois, como explica Aguiar (2006), a elaboração de matérias passa por determinados processos noticiosos que implicam em sua publicação. “As reportagens resultam do trabalho de apuração das informações pelos repórteres, que não se limitam a reproduzir informações ‘vazadas’ por fontes informativas para as redações dos jornais” (AGUIAR, 2006, p.75). Portanto, a amostra da pesquisa é constituída por 36 reportagens, identificadas no período analisado com informações coletadas a partir de entrevistas com especialistas.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo consiste em três fases cronológicas: pré-análise; exploração do material e interpretação dos resultados. A primeira etapa obedece a três processos importantes: escolha dos documentos, hipóteses e objetos. A pesquisadora admite que a segunda fase, exploração do material, é a parte mais exaustiva, mas com ela é possível decodificar as informações. Já na terceira etapa, os dados coletados são transferidos da forma bruta para a interpretação dos resultados.

A análise quantitativa, de acordo com a autora, é uma pesquisa bastante fiel, uma vez que se desenvolve na observação concreta da aparição de elementos, ou seja, não está sujeita a interpretações.

## ANÁLISE DO MATERIAL

Na análise das 36 reportagens com falas de pesquisadores foram identificadas 22 matérias com entrevistados homens. Em onze casos, homens e mulheres acadêmicos foram ouvidos. Em três reportagens mulheres são as fontes.

Na editoria de Esporte não foi constatada nenhuma matéria que entreviste pesquisadores. As reportagens da editoria no mês analisado são interpretações dos próprios jornalistas e falas dos protagonistas das notícias, técnicos e atletas.

Ao todo, 16 matérias foram assinadas por jornalistas homens e praticamente metade, nove, foram escritas por mulheres. Das três matérias com presença feminina, uma é escrita por mulher, outra por homem e uma sem assinatura. Mais repórteres mulheres assinaram reportagens com pesquisadores dos dois gêneros.

Tabela 1: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero de pesquisadores e jornalistas.

Dados gerais	
Fontes masculinas	<b>22</b>
Fontes femininas	3
Fontes de ambos os gêneros	11
Escrita por uma mulher	9
Escrita por um homem	<b>16</b>
Escrita por ambos os gêneros	3
Sem assinatura	8

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Abaixo os quadros das editorias estudadas e as respectivas matérias analisadas. O trabalho preservou o nome dos jornalistas, informando apenas o gênero dos mesmos.



As informações das reportagens se debruçam sobre o título, data e dados da fonte usada no texto, relevante para o estudo.

Tabela 2: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero de pesquisadores e jornalistas na editoria Cultura<sup>7</sup>.

Cultura	
Fontes de ambos os gêneros	1
Escrita por um homem	1

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Cultura segue a mesma linha de Esporte, reportagens com perspectivas do próprio jornalista que tem algum grau de domínio do tema e entrevistas com fontes primárias.

Tabela 3: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero de pesquisadores e jornalistas na editoria Notícias<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> **Reportagem analisada na editoria de Cultura:** *O ano de Monteiro Lobato*. Publicada no dia 2. Fontes: designer gráfico Magno Silveira, professora Marisa Lajoto e historiadora Lilia Schwarcz.

<sup>8</sup> **Reportagem analisada na editoria de Notícias:** *Dois discursos, dois enfoques*. Dia 2. Assinada por mulher. Fontes: cientista político da UFPel Daniel Mendonça, cientista político da UFRGS Paulo Peres e professor do Insper Fernando Schüller; *Menino morre ao ser atingido por raio em campo de futebol*. Dia 4. Assinado por homem e mulher. Fonte: professor de Física da UFRGS Fernando Lang; *Venda de veículos acelera no RS*. Dia 7. Assinada por homem. Fonte: educador financeiro Adriano Severo; *Resíduo de agrotóxico é detectado em área urbana*. Dia 7. Assinado por homem e mulher. Fontes: professor de Agricultura da USP Luiz de Queiroz, presidente do Conselho Agro Sustentável, José Otávio Menten, toxicologista Angelo Trapé e chefe da Fepam, Gianfranco Badin Aliti; *Moro coloca homicídios e tráfico em segundo plano*. Dia 8. Assinado por homens. Fonte: sociólogo Arthur Trindade Maranhão Costa. *Suspeita de resíduo de agrotóxico é apontada na área urbana de Bagé*. Dia 8. Assinada por homem e mulher. Fontes: biólogo Rodrigo Kannan, professor de viticultura Norton Victor Sampaio, professora de Agricultura da USP Liz de Queiroz e presidente do Conselho Científico Agro Sustentável, José Otávio Menten; *Caixa recua e nega que vá elevar juro de imóveis à classe média*. Dia 9. Assinada por homem. Fontes: diretor-executivo da Associação Nacional dos Executivos de Finanças e Contabilidade, Miguel José Ribeiro de Oliveira, e economista Laís Martins Fracasso. *Produção de veículos sobe pelo segundo ano seguido*. Dia 9. Sem assinatura. Fonte: presidente da Anfavea, Antonio Megale. *Inflação em 2018 ficou dentro da meta, mas acima do ano anterior*. Dia 12. Assinado por homem. Fontes: economista Denilson Alencastro, pesquisador do IPCA Fernando Gonçalves e professora da FGV Virene Matesco; *Caneta Simplifica posse de armas em todo Brasil*. Dia 16. Assinado por homem. Fonte: presidente do Instituto Cultural Floresta, Leonardo Fração, professor Gilberto Thums, professor da FGV Rafael Alcadipani da Silveira, advogado Diego Gomes Ferreira e presidente do Instituto Cidade Segura, Marcos Rolim; *A maconha e o aumento de homicídios no Uruguai*. Dia 19. Assinado por homem. Fontes: professor da UniRitter Francisco Amorim e professora Sandra Fleitas; *Após três anos de vermelho, país cria 529,6 mil vagas*. Dia 24. Assinado por homem. Fontes: pesquisador da FGV Daniel Duque e

Notícias	
Fontes masculinas	<b>9</b>
Fontes de ambos os gêneros	4
Escrita por uma mulher	1
Escrita por um homem	<b>8</b>
Escrita por ambos os gêneros	3
Sem assinatura	1

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Notícias, por sua vez, não se vale com frequência de entrevistas com especialistas. Em geral, usa falas de figuras públicas.

Tabela 4: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero de pesquisadores e jornalistas na editoria Porto Alegre<sup>9</sup>.

Porto Alegre	
Fontes masculinas	<b>5</b>
Fontes de ambos os gêneros	1
Escrita por uma mulher	<b>3</b>
Escrita por um homem	2
Sem assinatura	1

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

professor da UFRGS Marcelo Portugal; *O presidente na mesa de cirurgia*. Dia 28. Assinado por homem. Fontes: médico Guilherme Bassols e chefe no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Richard Gurski.

<sup>9</sup> **Reportagens analisadas na editoria de Porto Alegre:** *Capital vive dias de forno alegre*. Dia 7. Sem assinatura. Fonte: professor da UFpel Gilberto Diniz. *Arroio em Guaíba preocupa moradores*. Dia 11. Assinado por mulher. Fontes: engenheiro ambiental Eduardo Raguse Quadros, biólogo Tiago Felix da Silva e engenheiro químico Tiago Centurião; *Um mundo à parte para o Alzheimer*. Dia 15. Assinado por homem. Fonte: professor da PUCRS Newton Luiz Terra; *O lugar do Laçador*. Dia 17. Assinado por homem. Fonte: arquiteto da IAB Arioli Heck; *Como viver na cidade pelo esporte*. Dia 26. Assinado por mulher. Fonte: antropólogo Arlei Sander Damo; *Cidade Baixa, problemas em alta*. Dia 29. Assinado por mulher. Fontes: professor da Unisinos Carlos Gadea e pesquisadora Luciana Marson.

Tabela 5: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero de pesquisadores e jornalistas na editoria Sua Vida<sup>10</sup>.

Sua Vida	
Fontes masculinas	8
Fontes femininas	3
Fontes de ambos os gêneros	5
Escrita por uma mulher	5
Escrita por um homem	5
Sem assinatura	6

Fonte: elaborada pela autora, 2019.

A editoria cobre de temas factuais e atemporais, entrevistas especialistas em ambos casos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>10</sup> **Reportagens analisada na editoria de Sua Vida:** *A guerra aos canudos*. Dia 2. Assinada por mulheres. Fontes: professor de Biologia Marinha da UFRGS Ignacio Moreno e bióloga Sue Bridi Nakashima; *A invasão das águas-vivas*. Dia 3. Assinada por mulher. Fontes: professor da Furg Renato Nagata, professora de zoologia da UFRGS Carla Ozório e professor de medicina Vidal Haddad; *Não faça de suas férias uma dor de cabeça*. Dia 3. Assinada por um homem. Fonte: educador financeiro Jô Adriano Cruz; *86/96: novo cálculo para aposentadorias já está valendo*. Dia 3. Assinada por homem. Fontes: pesquisadora do IBDP Jane Berwanger e pesquisador do Ieprev Luiz Felipe Pereira Veríssimo; *Fraude no Guinness Book?*. Dia 3. Sem assinatura. Fontes: gerontologista Valeri Novosselov, matemático Nikolai Zak, demógrafo Jean-Marie Robine e diretor de pesquisa do Ined, Nicolas Brouard; *Damares sob olhar de especialistas*. Dia 5. Assinada por homem. Fontes: doutora pela UFRGS Pâmela Stocker e coordenadora de grupo de pesquisas da UFRGS Jane Felipe; *Como as cores ganham um gênero*. Dia 5. Assinada por mulher. Fonte: professora da Feevale Marina César e mestre em Gênero Joanna Burigo; *Prova de Física foi mais difícil do que o habitual*. Dia 7. Assinada por mulher. Fontes: professores do Unificado Ênio Kaufmann e Carlos Castillo; *Cientistas brasileiros descobrem forma de prevenir o Alzheimer*. Dia 8. Sem assinatura. Fontes: professora da UFRJ Fernanda de Felice; *Suspenda os serviços e poupe durante as férias*. Dia 9. Assinada por homem. Fonte: especialista em Direito do Consumidor Mauricio Lewkowick; *Provas da UFRGS valorizam fatos recentes e do cotidianos*. Dia 9. Sem assinatura. Fontes: professores da Unificado Luiz Ferrari, Saul Chervenski e Guto Brault; *Vestibular da UFRGS termina com prova difícil e “elegante”*. Dia 10. Sem assinatura. Fontes: professores da Unificado Diego Zanella e Fabrício Indrusiak; *Aquecimento dos oceanos bateu recorde em 2018*. Dia 17. Sem assinatura. Fontes: pesquisador Lijing Cheng; *Quanto do seu dinheiro fica para o banco?*. Dia 30. Assinado por homem. Fonte: planejador financeiro Jailon Giacomeli; *Acerte na vestimenta para não ferver sob sol de rachar*. Dia 31. Assinado por mulher. Fontes: professora de Moda Débora Idalgo, personal stylist Diseree do Valle e chefe do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Emilio Moriguchi; *O que se pode esperar dos termômetros em fevereiro*. Dia 31. Sem assinatura. Fontes: meteorologistas Cátia Valente e Caio Guerra.

---

O jornalismo não é feminino. Por mais que as publicações, das mais rudimentares que temos conhecimento até aos recentes jornais, não delimitem o público alvo como masculino, as notícias têm maior aproximação com homens (SILVA, 2010).

As mulheres não se mantiveram passivas no processo jornalístico. Pelo contrário, são a maior parte da força de trabalho em redações. Nos anos 2000, as mulheres representavam quase metade dos jornalistas em exercício no país (SOUZA, 2009). Mas Temer; Santos (2016) indicam que as repórteres são com mais frequência destinadas a pautas menos complexas. Justamente um dos pontos encontrados pelo presente estudo, uma vez que há uma concentração de homens assinando reportagens sobre política e economia, ou seja, 33.3% para eles e 2.7% para elas, e falando sobre o tema, sendo 47.2% pesquisadores e 11.1% pesquisadoras.

Lugones (2014) aponta que o imaginário social está coberto por um ideal do ser homem branco hétero cristão. Devido a construções coloniais, que se mostram vivas no cotidiano, pessoas que se encaixam nesse perfil acabam por ser privilegiadas (BUTLER, 2003).

Se as fontes de informação legitimam uma pauta, como considera Silva (2010), jornalistas precisam fornecer credibilidade a ambos gêneros. Afinal, há uma escolha consciente sobre quais perspectivas socioculturais serão levantadas.

Portanto, no jornalismo diário, constituinte por reportagens factuais e mais aprimoradas, as mulheres têm menos visibilidade tanto como fonte de informações e repórteres. No entanto, a maior incidência de jornalistas mulheres assinando reportagens não afetaria consequentemente no aumento de fontes mulheres, pois nos três casos detectados com falas de pesquisadoras, apenas um está sob autoria feminina. Por outro lado, foi observado uma indiferença das mulheres em trazer fontes dos gêneros, aproximando-se de um jornalismo neutro ou no estilo Clark Kent (preocupado com a ética e a justiça do conteúdo que produz).

Em sua pesquisa, Temer; Santos (2016) identificaram por meio de entrevistas com jornalistas, uma tendência das mulheres em desenvolver o jornalismo Clark Kent e em conceder espaço equilibrado as suas fontes de informação.

---

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel de Azevedo. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade**: notas introdutórias. v.7, n.13, p. 73 a 84, jul./dez, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. Tradução Renato Aguiar, 2003.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. 2017. <[www.elsevier.com/\\_data/assets/pdf\\_file/0008/265661/ElsevierGenderReport\\_final\\_for-web.pdf](http://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf)>. Acesso: 07/05/2019, às 19h45.

FACCIN, Milton Julio. **Zero Hora, a voz que une os gaúchos**. Fortaleza. VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS. 2008.

JODELET, Denise. **Représentations sociales**: um domaine em expansion. In D, Jodelet (Ed.) Les Representations sociales. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Paris. PUF, 1989.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas. v.22, n.3, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo da Educação Superior 2016**: notas estatísticas. Brasília. 2017. <[download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf)>. Acesso: 22/4/2019, às 15h45.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mulheres representam 60% dos bolsistas atendidos pela Capes**. Brasília. 2019. <[portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73971](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73971)>. Acesso: 22/4/2019, às 15h47.

---

MORIGI, José Valdir. **Teoria Social e Comunicação**: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. Revista eletrônica ecompos, n.1. Dezembro de 2004.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. Estudo da OEI aponta conquista das mulheres do meio científico no Brasil. Brasília. 2019. <[oei.org.br/noticia/estudo-da-oei-aponta-conquista-das-mulheres-do-meio-cientifico-no-brasil](http://oei.org.br/noticia/estudo-da-oei-aponta-conquista-das-mulheres-do-meio-cientifico-no-brasil)>. Acesso: 22/04/2019, às 15h49.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2003.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Crenças, valores e representações sociais da violência**, Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n.16, jul/dez 2006, p. 250-273.

SAINI, Angela. **Inferior é o Car\*lho**: eles sempre estiveram errados sobre nós. Darkside. Tradução: Giovanna Louise Libralon. Rio de Janeiro. 2018.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa. **Jornalismo Feminino**: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional. XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Junho de 2016.

SCHIMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 2. n. 1. 1º semestre de 2005.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o Gênero do Jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. Dissertação (mestrado em Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa. Portugal. 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística. São Paulo. Editora Insular. 2013.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa**: A conquista da escrita feminina. Jornal Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Outubro de 2012.